

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gustavo Henrique Morais Pereira

EXPRESSÕES DA NOVA DIREITA E SEUS DISCURSOS NO BRASIL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GUSTAVO HENRIQUE MORAIS PEREIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672032A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **EXPRESSÕES DA NOVA DIREITA E SEUS DISCURSOS NO BRASIL**, desenvolvido durante o período de 5 março de 2018 a 6 de julho de 2018 sob a orientação de Jorge Gomes de Souza Chaloub, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

GUSTAVO HENRIQUE MORAIS PEREIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

EXPRESSÕES DA NOVA DIREITA E SEUS DISCURSOS NO BRASIL

Gustavo Henrique Morais Pereira¹

RESUMO

Nesse trabalho, me propus a investigar as origens das mudanças dos dois principais e mais amplos campos da direita, buscando entender como e o que ocorreu para liberais e conservadores se expressarem como vemos hoje. A partir disso, analisei o discurso de dois importantes atores da Nova Direita brasileira, através de entrevistas e de suas páginas oficiais na internet, no intuito de compreender como eles se mobilizam no cenário político atual, em que se diferem do passado e quais as semelhanças e diferenças do (neo)liberalismo e (neo)conservadorismo que vem ganhando força no cenário global.

Palavras-Chave: Neoliberalismo. Neoconservadorismo. Nova Direita. João Doria. Jair Bolsonaro.

Introdução

Há décadas o mundo não experimenta as consequências de uma guerra que envolva grandes potências mundiais – sete décadas para ser mais exato –, mas isso não significa que tudo está tranquilo. As tensões políticas não cessaram com o fim do último grande confronto bélico e a Guerra Fria moldou posicionamentos políticos de uma forma poucas vezes vista. De um lado, o capitalismo, representado pelos EUA, que abraçou a bandeira da liberdade individual contra o perigo vermelho; do outro, o socialismo, liderado pela URSS, que buscava libertar seus aliados de um imperialismo predatório; entre eles, forças políticas que se viam forçadas a ceder para um lado ou para o outro em busca de um equilíbrio que pudesse ser aceito por uma maior parcela da sua população. Nesse sentido, o campo político-ideológico da direita precisou se adaptar para conseguir construir uma hegemonia e as bases teóricas dessas adaptações foram se construindo de uma forma um tanto quanto rápidas.

Proponho-me aqui a mostrar como se deram as reformulações dos dois principais e mais amplos campos que caracterizam a direita, que vem cada vez mais ganhando espaço nas disputas políticas contemporâneas – os liberais e os conservadores – e como essa direita reformulada, que está sendo chamada de *Nova Direita*, se expressa no cenário político do Brasil.

As revisões dos dogmas liberais e de suas convicções tiveram início com as crises da virada do século XIX para o XX, apesar de seus ensinamentos terem se efetivados em políticas práticas, com mais clareza e profundidade, apenas na década de 1970. O liberalismo sempre teve seus embates ideológicos, se dividindo entre aqueles que acreditavam nas políticas sociais e no bem comum, e aqueles que buscavam a liberdade individual em última instância (DARDOT; LAVAL; 2016 p. 37-38). A década de 1930 marcou o ápice de um sistema liberal que mal conseguia se sustentar, enquanto que o socialismo soviético era uma realidade que assombrava os pregadores do livre comércio que se viram obrigados a se repensarem.

A vertente a atingir maior influência após a reformulação ideológica foi a Escola Austríaca de Economia, tendo Ludwig von Mises como precursor e Friedrich Hayek como o principal discípulo. A doutrina do *laissez-faire* foi reafirmada, mas a valorização da ação individual ocorreu de tal forma que não poderia ser proposto por nenhum liberal clássico. A dinâmica empresarial, consolidada no século XX, foi um dos fatores a questionar a eficiência do liberalismo ao fim do século passado (DARDOT; LAVAL; 2016 p. 39), ao mesmo tempo em que se tornou o ponto de partida para o surgimento desse novo liberalismo. Ao incorporar essa dinâmica, von Mises e Hayek propõem uma sociedade movida pela ação empreendedora dos indivíduos que mantem com o outro uma

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: gpereira03@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub

constante competição, aproveitando toda e qualquer oportunidade surgida para a obtenção do lucro. Esse "indivíduo empreendedor" se tornaria a alma do *neoliberalismo*.

A implementação de políticas neoliberais ganhava força de acordo com que a URSS a perdia. As conspirações que resultaram nos golpes militares na América do Sul ocorreram com o propósito de impedir que a influência soviética crescesse na região, ao mesmo tempo em que se dava início a políticas privatistas que mantivesse o capitalismo dependente do continente. Mas foi no Chile, com o golpe de 1973, que se viu pela primeira vez e com tanta força, a implementação do neoliberalismo.

No Chile foi com um golpe militar, mas nos anos seguintes Ronald Reagan, nos EUA, e Margaret Thatcher, no Reino Unido, chegaram ao poder pelo voto. Em 1991, com a queda da URSS, o capitalismo perdeu seu principal contrapeso, tendo assim o caminho livre para tornar hegemônica a lógica do livre mercado.

No outro campo da direita, o conservador, sua reformulação ocorreu um pouco depois, tendo início já nos anos de 1950 e ganhado força depois da década de 1960. Jurgen Habermas analisa como ocorreu o surgimento do *neoconservadorismo* a partir de caminhos diferentes nos EUA e na Alemanha.

A vertente norte-americana apareceu como uma reação a todo o crescimento econômico que trouxe junto uma explosão de demandas sociais. A luta pelos direitos civis, o crescimento dos movimentos feministas, as contraculturas que levavam todas as suas contestações e rebeldia também para arte, tudo isso não estava de acordo com a visão de um grupo de liberais da época. Habermas aponta que o neoconservadorismo é uma "*elaboração de desilusões*" (HABERMAS; 2011; p.64) e essas desilusões fizeram esses liberais abandonarem suas bandeiras e abraçarem uma interpretação do mundo que se resumia em dois posicionamentos. O *primeiro*, aceita totalmente a modernidade social, o progresso econômico, o desenvolvimento capitalista, exonerando cada vez mais o estado e transferindo suas funções para o setor privado; o *segundo* se coloca contrário a modernidade cultural, criticando as novas expressões artísticas, as demandas sociais por políticas de igualdade e as grandes massas excitadas por exigirem do sistema um excesso de liberdades que poderiam ser prejudiciais à democracia. As crises econômicas aqui são vistas como resultado de uma crise cultural, onde a resolução para o primeiro problema está no mercado e, para o segundo, no retorno às tradições a partir de uma "*renovação da consciência religiosa*". (HABERMAS; 2011; p.74)

No caso alemão, essa elaboração foi mais simples. Os conservadores que passaram de Weimar ao pós-guerra tiveram apenas o trabalho de resolverem algumas contradições teóricas de suas doutrinas. A modernidade social foi aceita, mas com a condição de manterem a crítica cultural. Toda essa negociação se deu no campo das ideias, já que seus primeiros ideólogos foram filósofos que se saíram do grupo dos *jovens conservadores*.

Apesar de caminhos diferentes, o neoconservadorismo assume como identidade geral o enaltecimento do mercado e de todo o setor privado enquanto endurece as críticas ao caminho que a cultura está traçando, não poupando nem mesmo o "*excesso de democracia*", (RANCIERE, p.17) que por vezes se manifesta através das manifestações de massas. Partindo desse campo, a Nova Direita, em uma visão mais ampla, se mostra através de uma aceitação cada vez maior pelo mercado, visto que liberais e conservadores convergem nesse ponto. A questão cultural vem se tornando um detalhe, uma batalha que o segundo grupo insiste em travar ao tempo que, para o primeiro, o que importa são as desregulamentações do Estado.

Olhando para o Brasil, o cenário não é tão diferente se tratando da visão liberal-conservadora, porém compreender as direitas nacionais é um exercício que exige mais atenção por conter características próprias de cada momento. O período imperial foi marcado por constantes disputas entre liberais e conservadores, no qual o primeiro grupo buscava por mais autonomia dos estados e o segundo por um centralismo que garantisse a unidade nacional.

Após a proclamação da república, os liberais conseguem manter sua hegemonia até a década de 1920 (CRUZ et al; 2015; p. 53-54), momento em que se inicia o surgimento de outras vertentes políticas. Temos então o surgimento de uma vertente católica e outra antiliberal, dentro da abrangência conservadora; nessa época surge também o Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922 como a primeira organização partidária da esquerda no Brasil (CRUZ et al; 2015; p. 55). É com o PCB que surge também uma importante bandeira das direitas no Brasil, o anticomunismo, e é em seu nome que o "partidão" passa a maior parte do tempo na ilegalidade.

Após os primeiros quinze anos da complexa figura política que foi Vargas, a direita brasileira se divide em duas. O Partido Social Democrático (PSD) - de cunho varguista -, que tinha um caráter conservador e

garantia de suas forças através dos coronéis latifundiários, apesar de perfil político moderado (CRUZ *et al*, 2015, p. 60); e a União Democrática Nacional (UDN) - antivarguista – que mantinha a composição do partido de forma ambígua, entre conservadores e liberais, característica bem marcante da elite brasileira desde o império, e um forte antipopulismo caracterizado por um formalismo jurídico e um moralismo elitista. (CRUZ *et al*; 2015; p. 61-63).

O golpe militar de 1964 é, com certeza, a grande mancha na história política do Brasil e de suas direitas. Foi articulado a partir da aliança entre as forças das direitas brasileiras contra a ofensiva das massas populares exigindo reformas de base, que foi personificado no presidente João Goulart. Esse grande bloco aliado era composto pela grande mídia, a Igreja Católica (os dois historicamente conservadores e anticomunistas), os EUA exercendo seus interesses através das empresas multinacionais e, por fim, os dois partidos da direita, PSD e UDN (CRUZ *et al*, 2015, p. 63-65). Durante o regime militar, o pluripartidarismo foi extinto, restando apenas a Ação Renovador Nacional (ARENA), partido do regime que aglutinava toda a direita e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que era composto pela esquerda e todo o restante contrário ao regime.

Com o retorno ao pluripartidarismo, em 1979, a direita se divide, mantendo como práticas constantes as dissidências partidárias e a fundação de novos partidos. O fim do regime militar ocorreu seis anos depois e as primeiras eleições diretas pós-redemocratização apenas dez. Essas eleições marcam uma mudança na direita brasileira, passando de apoio ao regime militar para a defesa do neoliberalismo. Fernando Collor de Mello é eleito presidente, mas sem ter uma base sólida no congresso sofre um impeachment em 1992; Fernando Henrique Cardoso vence as eleições seguintes, abrindo de vez as portas do país para o neoliberalismo.

A partir de 2002, o Brasil inicia um período de quinze anos sob um governo de esquerda, tendo o PT vencido quatro eleições presidenciais. Esse é um fato importante que caracteriza a direita de hoje que, estando o Partido dos Trabalhadores sobre fortes denúncias de corrupção, coloca o antipetismo como uma das principais bandeiras direitistas.

A Nova Direita brasileira não consegue se desvincular do passado (CRUZ *et al*, 2015, p.70-71), o que faz com que intelectuais, por diversas vezes, tracem paralelos com períodos anteriores da história na tentativa de explicar acontecimentos atuais. Entretanto, esse movimento traz consigo diferenças e peculiaridades passíveis de uma análise sob a ótica recente que não recorra sempre ao passado para se sustentar. A Nova República, nascida com a promulgação da constituição de 1988, pode ser vista como um marco para as investigações sobre esse novo movimento que se organizou a partir da redemocratização ao se desvincular da ditadura e caminhar em direção ao mercado.

Não pretendo esgotar aqui as características dessa Nova Direita, apenas entender melhor como ela se manifesta e qual o discurso de seus atores. Uma importante novidade desse grupo político é o orgulho em sempre se afirmarem como sendo de direita, algo que raras vezes era visto anteriormente. A crise do Estado de bem-estar social, a distância temporal em relação a Regime Militar, o surgimento de institutos liberais como o *Instituto Millenium*, *Estudantes pela Liberdade*, *Institutos Mises Brasil*, além de outros, são importantes caminhos para compreender a expansão desse movimento (CHALOUB; PERLATTO; 2016). Porém, a característica mais visível no senso comum, que também pode ser atribuída à Nova Direita, é o antipetismo, um macarthismo à brasileira que tem como alvo principal o PT e suas bases. Alguns dos atores desse campo são novos no cenário político nacional e isso é um fenômeno que se evidenciou após as eleições de 2014, marcando com forte descrédito a cena política e abrindo espaço para *outsiders*.

Pretendo, mais adiante, analisar de forma mais detalhada como dois desses atores mobilizam seus discursos através de suas páginas pessoais no Facebook e em entrevistas, onde são interrogados como pré-candidatos. Aqui, optei pelo ex-prefeito da cidade de S. Paulo e candidato ao governo do Estado, João Dória Jr (PSDB), por entender que sua recente e explosiva crescente no cenário político se deu como consequência desse fenômeno da Nova Direita que o beneficiou por ser um *outsider*. Busquei também analisar o Deputado Federal e pré-candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro (PSL), que, apesar de ser deputado desde o início da década de 1990, apenas a partir da última eleição ganhou tamanha relevância, sendo o deputado mais votado de seu estado – o Rio de Janeiro – e, segundo diversas pesquisas de opinião, é o pré-candidato com mais intenções de voto, atrás apenas do ex-presidente Lula, que no momento está preso.

1. O discurso neoliberal

Os anos de 1970 e 1980 mostraram ao mundo como o Estado poderia intervir a favor do livre mercado de forma ostensiva e satisfatória para os grandes capitalistas. O golpe militar criminoso que sofreu o Chile em 1973, tendo sido apoiado pelos EUA, executou um plano econômico que serviu como uma prévia para o que viriam a ser os governos de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e de Margaret Thatcher, no Reino Unido. Essas duas décadas são um bom marco para enxergar a implantação do neoliberalismo como política de Estado, um posicionamento ideológico contra intervencionismos, que prega uma liberdade de mercado semelhante ao velho discurso do *laissez-faire*.

Apesar de realmente estar de volta um discurso afirmativo sobre a origem natural do livre mercado e sua eficiência quando não regulamentado, o *neo* desse atual liberalismo não é à toa. As relações sociais mudaram, essa visão sobre o mercado se expandiu ao ponto de se tornar a forma como vemos o mundo, como nos enxergamos nele e enxergamos ao outro. A novidade que esse novo liberalismo trouxe foi o modo que conseguiu transformar a nossa existência. Karl Polanyi já mostrava em seus estudos sobre a história do capitalismo como a ideia de livre mercado estava transformando a sociedade, fazendo com que a economia deixasse de ser um fator gerido pela a sociedade e para o benefício da mesma e se tornasse uma instituição independente e passando a agir diretamente sobre o funcionamento da sociedade.

Em vez de a economia estar embutida nas relações sociais, são as relações sociais que estão embutidas no sistema econômico. [...] Desta vez, o sistema econômico é organizado em instituições separadas, baseado em motivos específicos e concedendo um status especial. A sociedade tem que ser modelada de maneira tal a permitir que o sistema funcione de acordo com as suas próprias leis. (POLANYI; 2000; p. 77)

Entretanto, com o neoliberalismo, a mudança das relações sociais causadas pelo mercado se aprofundou. O princípio da concorrência se tornou não só a principal prática da gerência de empresas, mas uma forma de vida generalizada; as mulheres e os homens passaram a coordenar suas vidas como empresas buscando sempre a oportunidade pelo lucro, e esse processo não está desvinculado das ações governamentais. A lógica neoliberal, apoiada em instituições fortes como Banco Mundial, FMI e União Europeia, busca, através do discurso de austeridade, não apenas retirar das mãos do estado as políticas sociais, mas deixá-las a cargo do setor privado. Os países são obrigados a se lançarem numa competitividade generalizada que permeia também as relações sociais. Pierre Dardot e Christian Laval, em seu livro *A Nova Razão do Mundo*, explicam que os governos estão presos num quadro normativo de regras e consensos que os levam a buscar, de forma incompreensível, essa política de "austeridade", "*nesse sentido, os planos de austeridade que diminuem a renda da grande massa da população são inseparáveis da vontade de gerir as economias e as sociedades como empresas "lançadas na competição mundial"*". (DARDOT; LAVAL; 2016; p. 29)

Para entender melhor como isso começou é necessário visualizar a produção intelectual daqueles que contribuíram fortemente para moldar essa "*nova razão do mundo*", como Ludwig von Mises e seu discípulo Friedrich Hayek – que foi recomendado como leitura pela própria Margaret Thatcher à Câmara dos Comuns² -, os dois principais nomes da Escola Austríaca de Economia. A reformulação do liberalismo, após os anos 1930, não se resume a essa única corrente do pensamento liberal, já que os ordoliberalistas alemães têm grande importância nessa tarefa e são muito influentes na Europa. A Escola Austríaca e a Escola de Chicago têm, todavia um enorme peso no funcionamento do mercado internacional e na modelagem da "*racionalidade*" neoliberal.

Ludwig von Mises tinha um grande apego ao *laissez-faire*, mas não parou por aí. Para além de uma simples fé na eficiência de um mercado livre, ele buscou direcionar sua argumentação para a importância da ação individual no funcionamento da economia. Mises enxergava no Estado um interventor com grande potencial de se chegar ao totalitarismo e, no indivíduo, o *empreendedor*, agente do capitalismo.

Os austríacos visam um equilíbrio econômico quando no sistema não há intervenções estatais ou morais e as ações individuais podem ocorrer livremente. O *empreendedorismo* aqui é a essência do homem capitalista, sendo universal e construído dentro do sistema de mercado; a concorrência é definida por Dardot e Laval como "*um processo de descoberta da informação pertinente, como certo modo de conduta do sujeito que*

² Nota de rodapé de Dardot e Laval, p. 185

tenta superar e ultrapassar os outros na descoberta de novas oportunidades de lucro". Dessa forma, von Mises e Hayek privilegiam a competição e a rivalidade em todo o âmbito social e a única forma de parar isso seria através da intervenção do Estado.

Von Mises é radical na sua posição anti-estado, não aceitando meio termo entre a ditadura estatal e a soberania absoluta do consumidor. As intervenções tendiam a sempre fracassarem, exigindo novas intervenções na tentativa constante de resolver o "problema" até resultar no despotismo. A vontade do consumidor deve ser a única a qual a lógica de mercado deve responder, ignorando até mesmo questões éticas e morais ou o juízo de valor dos intelectuais.

A economia meramente estabelece o fato de que lucros e perdas são fenômenos essenciais na economia de mercado. (MISES; 2010; p. 358) [...] A crítica ao lucro feita pelos moralistas e pregadores erra o alvo. Não é culpa dos empresários se o consumidor – o povo, o homem comum – prefere bebidas alcoólicas à bíblia e romances policiais a livros sérios, e se o governo prefere canhões à manteiga. O empresário não tem lucros maiores por vender coisas "más" em vez de vender coisas "boas". Seus lucros são tanto maiores quanto mais consiga prover os consumidores com aquilo que eles mais desejam. (MISES; 2010; p. 360)

Para os austríacos, a independência do mercado não se dá por leis naturais ou qualquer outro agente desconhecido que o fará alcançar o equilíbrio caso deixado livre. Existe aqui um conceito mais refinado do que é o *mercado*. Ele se regula através da ação dos indivíduos imersos nesse processo que contém uma dinâmica própria. O *mercado* aqui é um processo de formação do sujeito econômico que ocorre através da sua própria ação. Entendendo que o homem agirá sempre para melhorar sua situação, Mises o vê como um agente ativo capaz de traçar objetivos que o permita sempre aumentar seus lucros, diferente do entendimento do mercado como simples troca de excedentes. Dessa forma, o *mercado* educa e disciplina o *empreendedor*, criando assim um ciclo autônomo que não se sujeita a questões éticas ou estatais.

É bem claro dentro do pensamento dos intelectuais da escola austríaca uma grande fobia pelo Estado, porém Hayek faz questão de afirmar em sua obra que a única intervenção criticada – por ele - é aquela contrária à concorrência. O planejamento econômico que favorece a ação do mercado é completamente aceito; "[...] *planificação e concorrência só podem ser combinadas quando se planeja visando a concorrência, mas nunca contra ela.*" (HAYEK; 2010; p. 63) Ele é contrário à ideia de planejar ações visando um fim, pois este seria imprevisível. Assim, não enxerga nenhum conteúdo prático na ideia de bem comum, bem como também se posiciona contrário à ideia de democracia. A "Soberania popular" é vista como algo perigoso que pode desembocar numa "democracia totalitária". Na prática, isso fica bem claro quando, em 1981, pleno vigor da ditadura de Pinochet, declarou a um jornal chileno: "*Entenda, é possível para um ditador governar de forma liberal. É também possível para uma democracia governar sem liberalismo nenhum. Pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo*".³

2. O discurso neoconservador

A partir da segunda metade do século XX é possível perceber uma mudança na forma de se estruturar o pensamento conservador que, mesmo nutrindo semelhanças com o conservadorismo clássico, ganha formas que o tornam passível de interpretação como um novo fenômeno político. As mudanças sociais foram se intensificando à medida que o sistema capitalista foi se consolidando e, com o fim das grandes guerras, o caminho se tornou minimamente estável para o aprofundamento do desenvolvimento de uma sociedade moderna. Isso confrontou os conservadores, que não estavam de acordo com desenvolvimento econômico, político e espiritual que as coisas estavam tomando. O *neoconservadorismo* se desenvolve deste modo, como reação ao modo que as coisas estavam se modernizando.

Entretanto, a forma que esse novo conservadorismo ganha corpo e se estabelece é diferente nos Estados Unidos e na Alemanha. No primeiro, são os sociólogos que, buscando construir uma nova doutrina, apresentam e dão relevância ao neoconservadorismo norte-americano; no segundo, os principais nomes dessa

³ Dardot e Laval, p. 184 nota de rodapé.

vertente alemã são filósofos que, tendo participado do movimento conservador anterior à Segunda Guerra, adaptam e formalizam o conservadorismo já existente de modo que seja aceito na Alemanha do pós-guerra.

O neoconservadorismo nos EUA se incorpora a partir de sociólogos já conhecidos e respeitados no meio acadêmico, com um passado liberal bem claro além de rigorosos frequentadores de círculos anticomunistas. Essas organizações que presavam por valores liberais contra o crescimento da influência soviética e do avanço do marxismo teórico foram bem vistas pelo governo estadunidense e se mantiveram como o pano de fundo que marca a continuidade para o pensamento neoconservador. (HABERMAS; 2011; p. 64)

O anticomunismo buscou no conceito de *totalitarismo* uma forma mais elaborada para sua crítica. Esse conceito, que se popularizou com Hannah Arendt, mostrava as semelhanças entre os governos Nazista e Comunista (URSS), onde o Estado - através de um partido único - controlava todos os níveis da sociedade, privando os indivíduos de suas liberdades mais elementares. Em contrapartida, se exaltava o liberalismo norte-americano que assegurava o pluripartidarismo e as liberdades individuais através de um Estado constitucional. Mas, com a chegada dos conturbados anos de 1960 e 1970 esse liberalismo não resistiu.

A derrota na Guerra do Vietnã causou uma forte reação ao sentimento anticomunista, pois passou a se argumentar que a resistência do país ao comunismo se enfraqueceu e a explosão dos movimentos populares da época se tornaram os culpados. Os movimentos por direitos civis, o crescimento da luta feminista e o surgimento das contraculturas se tornaram os alvos de uma crítica moral; foram apontados como os responsáveis pelas crises da época juntos do sistema de bem-estar que era criticado de todas as formas: nos estados onde os resultados não eram tão claros, se dizia que não funcionava e onde funcionava bem a acusação era de que infringia o princípio de igualdade de oportunidades ao beneficiar apenas minorias étnicas e mulheres.

Os neoconservadores surgiram da crise em que se encontravam os ideais liberais diante do exercício da liberdade pelas massas. A exigência por direitos confrontou o Estado constitucional tão vangloriado. A partir disso, as bandeiras liberais foram deixadas de lado e os diagnósticos neoconservadores passaram a serem feitos não através de análises econômicas, mas sim pela crítica social. Habermas mostra que

os neoconservadores buscam as causas da crise não no modo de funcionar a economia e do aparelho estatal, mas nos problemas de legitimação culturalmente condicionados, em geral na relação perturbada entre democracia e cultura. (HABERMAS; 2011; p. 67)

Daí em diante, a crítica passa para a perda de autoridade das instituições e a ingovernabilidade política que é explicada pelo excesso de demandas populares. As crises passam a ser vistas como consequências de uma crise cultural e a resposta para os problemas causados no Estado se torna a desoneração estatal em prol de um mercado menos regulado. O setor privado passa a ser visto como um meio de desafogar o setor público do excesso de tarefas, transferindo para as empresas a responsabilidade de estimular a economia incentivando o investimento e a competição. Assim, os neoconservadores deixam claro sua lógica de análise: fazem uma forte crítica às *questões culturais* que causam as crises contemporâneas, e essas serão resolvidas apenas através de um *incentivo ao avanço do mercado* desonerando as responsabilidades públicas.

Alvo das críticas neoconservadoras se torna também certa ideia de *democracia*. Eles apontam para um excesso de vontades que podem sobrecarregar o sistema. Essa grande quantidade de demandas passa por uma visão utópica da democracia como o "reino dos excessos". Jacques Ranciere explica essa crítica à democracia, mostrando que, para eles "*esse excesso significa a ruína do governo democrático*" (RANCIERE; 2014; p.17) e os apontados como responsáveis por esses levantes são a classe dos *Intelectuais*:

estes liberam por negligencia ou de proposito os conteúdos explosivos da modernidade cultural; eles são os advogados de uma "cultura hostil", desde a perspectiva das necessidades funcionais do Estado e da Economia. Assim os intelectuais se apresentam como os alvos mais visíveis da crítica neoconservadora. (HABERMAS, 1985)

Uma importante linha argumentativa do neoconservadorismo norte-americano, como mostra Habermas, passa por Daniel Bell (HABERMAS; 2011; p. 71-76). Esse autor retorna a Max Weber e a sua tese acerca do desenvolvimento autodestrutivo do sistema capitalista para atribuir a essa mesma forma de desenvolvimento a ruptura entre *modernidade social* e *modernidade cultural*. Para Bell, a racionalidade capitalista, apesar de contribuir para o avanço social, traz consequências perigosas para a cultura; essa racionalidade tornaria a

cultura profana e colocaria em ação atitudes subversivas. Assim, seria mais eficiente ter, junto da racionalidade capitalista, uma obediência à religião que garantisse a ordem e, assim, a funcionalidade da economia.

Bell faz seu diagnóstico da cultura passando por uma crítica à arte moderna que gerou três afirmações importantes para os neoconservadores. A princípio, se diz que a arte moderna perdeu a capacidade de produzir algo de novo, se esgotou, a vanguarda artística não tem mais a força construtiva que tinha antes, o que resultaria em formas de vidas desregradas, subversivas, que rompem com o cotidiano rotineiro burguês com seus estilos sem limites. Por isso apenas um retorno à práticas religiosas poderiam pôr fim a essa cultura profana e conseguir reestabelecer a ordem cultural na modernidade social.

Na Alemanha, a construção desse novo fenômeno conservador ocorreu por motivos e formas diferentes. Com o fim da Segunda Guerra, os conservadores alemães foram obrigados a reverem suas bases ideológicas em vista de uma filosofia que, quando posta em prática, obteve consequências indefensáveis. O *neoconservadorismo* surge na Alemanha em um cenário destruído. O país, além de dividido em dois, não tinha autonomia política e a doutrina conservadora, depois de seus resultados, precisou se desdobrar para continuar vigente. Porém, isso não foi tão complicado quanto parecera.

Os filósofos que tomaram a frente do neoconservadorismo alemão se reafirmaram a partir dos *jovens conservadores* da época de Weimar, mas dessa vez, preocupados com a separação de dois componentes importantes: o progresso civilizatório foi aceito, com isso o caráter antiamericano e anticapitalista foi deixado de lado, já a crítica cultural se manteve, continuando com um forte apego às origens, às raízes do povo, às tradições. A aceitação da modernidade para os conservadores alemães foi sempre um ponto complicado e isso se resolveu apenas após 1945, mas não sem antes uma negociação que garantisse o progresso social mantendo fora do pacote a modernidade cultural.

Não é de hoje que o capitalismo industrial vem trançando um caminho que nos leva cada vez mais à uma sociedade financeirizada. Os neoconservadores buscaram reelaborar uma conciliação com a modernidade social que pudesse compensar o caminho que a sociedade está tomando. Habermas, ao analisar esse processo, identifica três linhas de argumentação que tentam sustentar essa negociação. (HABERMAS, 2011, p. 78-82)

A *primeira*, partindo de Hegel, é representada por Joachim Ritter, que descreve a modernidade burguesa nascida na Revolução Francesa na sua forma mais contraditória. Ao mesmo tempo em que a sociedade moderna, desvalorizando e rompendo com a ordem do mundo tradicional, garante e preserva as liberdades subjetivas dos cidadãos, o sistema econômico coloca o homem como uma simples engrenagem da linha de produção cujo objetivo final é o consumo. Dessa forma "*uma socialização absoluta, que venha a negar seus próprios pressupostos históricos, aniquilaria também as conquistas da liberdade subjetiva.*" (HABERMAS, 1985, p. 79) Diante disso, o único meio de assegurar as liberdades seria manter a força das tradições desvalorizadas, como forma de balancear as "*abstrações*" da sociedade moderna. Fica clara a complexidade dessa argumentação, apontada por Habermas como uma "*operação paradoxal de um tradicionalismo historicamente esclarecido*".

O *segundo* argumento perpassa por uma aplicação conservadora do direito. Ao contrário de Ritter, Ernst Forsthoff não quer as forças das tradições para balancear a modernidade, mas sim o Estado soberano. Ele entende a necessidade de estabilizar a modernidade social, mas só o Estado tem esse poder, caso seja imune a interesses sociais. Forsthoff busca em Carl Schmitt o argumento para validar suas ideias sobre um campo político que não sofresse interferências de questões morais. Assim, o desarme moral da sociedade não atingiria o Estado soberano – o único com poder suficiente para conter o avanço da modernidade cultural.

A *terceira* e última linha de argumentação neoconservadora apontada por Habermas tem força em Arnold Gehlen. Iniciando seus estudos na antropologia, ele afirma que a essência humana se baseia menos em instintos e depende mais da regulamentação de instituições já bem estabelecidas. A partir daí a desvalorização das instituições, o descrédito com a Igreja e a desconfiança no Estado são vistos como um mau sinal para o desenvolvimento da humanidade. Gehlen enxerga a modernidade como uma caixa de ferro que contém a economia, a ciência, a administração pública etc.,

formando as leis funcionais que parecem ininfluenciáveis e que agora assumem a liderança no lugar das instituições demolidas. Com essas coerções objetivas, a tendência

antropologicamente tranquilizante de diminuição de fardos pode prosseguir porque, no mesmo momento, o relógio da modernidade cultural parou. (HABERMAS, 1985, p. 82)

Para Gehlen, as premissas do esclarecimento se esgotaram, a modernidade se cristalizou e o que vemos hoje são apenas suas consequências.

Todo o cenário que se formou após a Segunda Guerra causou uma vontade de transformação, marcada por movimentos que eclodiram a partir dos anos de 1960. Nasceram daí fortes críticas à sociedade que apresentavam exigências por liberdade, demandas antiautoritárias, uma renovação nas artes que veio junto de um grande movimento contracultural esteticamente novo. A reação foi imediata e exigiu uma corrente que desse conta de toda essa crítica, mas mantivesse o sistema econômico intacto. O caminho alemão foi reaproveitar uma filosofia já existente e bem estruturada, fazendo apenas os ajustes necessários nos pontos em que se contradiziam; partiram da ideia de uma modernidade cultural paralisada. Modo geral, o caminho trilhado foi até simples, sem precisarem apresentar nada de novo. Já os norte-americanos, vindos de uma tradição liberal, precisaram mudar toda sua forma de análise. O liberalismo não dava conta de uma reação a tamanhas críticas ao *status quo*. Foi preciso abandonar o barco e pular na rede neoconservadora, partindo para os ataques à cultura, apontando os culpados, enquanto o mercado se mantinha funcionando sem ser criticado.

O neoconservadorismo chegou às massas através da mídia, fazendo críticas simples e definindo os alvos. A modernidade trazia consigo, como seu maior bem, o progresso técnico, os avanços científicos, o desenvolvimento de uma sociedade altamente produtiva. Entretanto as mudanças culturais também são profundas e precisa ser contida, se tornando necessárias as preservações das tradições. Assim, tudo aquilo que não se ajustava nessa divisão supostamente lógica entre cultura e sociedade seria atacado. Isso fez dos professores – principalmente das áreas de humanas – e dos intelectuais de esquerda os alvos mais claros. Eles propunham uma revolução cultural para alcançar uma liberdade já existente.

3. Neoconservadorismo e Neoliberalismo

Existe uma característica que vem se tornando comum entre Nova direita - mais explícita entre os neoconservadores, mas que não é difícil encontrá-la entre os neoliberais - que é uma certa aversão à democracia. O sistema democrático como o conhecemos hoje é recente, apenas na segunda metade do século XX essa forma de organização política se tornou a "regra" entre os países ocidentais e mais recentemente ainda que os sul-americanos foram "inclusos" nessa regra. Para além de uma forma de organização política da sociedade, a ideia de democracia foi incorporada como um valor, a síntese das liberdades individuais. Esse valor, entretanto, vem sendo questionado.

Não é segredo que a democracia foi aceita com muito custo e de forma bem vagarosa pelas classes dominantes. A participação popular foi, primeiro, delimitada pela renda, depois pela escolaridade, passando pela participação das mulheres até chegar ao sufrágio universal, podendo variar de acordo com cada país, mas garantindo sempre a manutenção do poder pelas classes dirigentes. Mas, apesar de esse ideário democrático ter sido incorporado como um valor, seu exercício por vezes não é bem visto.

Os anos de 1960 e 1970, foram sem dúvida um momento no qual as discussões políticas estavam a flor da pele e as massas, principalmente os estudantes, decidiram tomar posição e aumentar a voz. Nos EUA ocorreu a luta por direitos civis da população negra, as contraculturas e os movimentos feministas. Na França, o maio de 68 é discutido ainda hoje; até mesmo a antiga Tchecoslováquia, país que pertencia à URSS, teve seu levante, conhecido como Primavera de Praga. Seja em países capitalistas ou socialistas, com maiores as menores liberdades, a exigência por mais liberdade eclodiu, colocando em cheque os governos locais que buscavam sua legitimação justamente do discurso de garantia da liberdade - seja contra o imperialismo ou contra o totalitarismo. A reação veio rápida: governos mais fechados usaram da força, governos mais abertos apelaram para atuação das mídias.

O neoconservadorismo norte-americano encontrou nesses movimentos um forte motivo para o abandono do discurso liberal, o que permitia correr em direção às críticas da modernidade cultural, dividindo a discussão política em dois campos, o econômico e o cultural. Essa divisão coloca a democracia no segundo campo, classificando a demanda das massas como uma "crise da democracia" e culpabilizando por isso a suposta decadência moral da modernidade. Portanto, o que estaria provocando essa crise seria justamente "a intensidade da vida democrática". A defesa da democracia por quem critica seus "excessos" se torna paradoxal,

de um lado, opõe-se a um inimigo claramente identificado, o governo arbitrário, o governo sem limites que denominamos, conforme a época, tirania, ditadura ou totalitarismo. Mas essa oposição evidente esconde outra, mais íntima. *O bom governo democrático é aquele capaz de controlar um mal que se chama simplesmente vida democrática.* (RANCIERE; 2014, p. 16)

Nesse sentido, a excitação popular por liberdades foi absorvida de duas formas: os neoconservadores a incorporaram de forma crítica, fazendo ataques com tons moralistas e os neoliberais viram aí uma forma de incentivar a ideia de liberdade de mercado.

Do lado neoliberal, a defesa pela democracia não é necessariamente uma batalha a ser travada, pois é justamente a alta demanda das massas por direitos sociais que questiona a efetividade do mercado. Quando Hayek afirma ser possível existir mais liberalismo em um governo ditatorial do que em um governo democrático, fica claro que para a efetividade das medidas que visam o livre mercado a vontade das massas podem ser um empecilho.

O ódio à democracia aparece, por um lado, como uma crítica cultural, no qual o excesso de vontades e exigências se tornam um problema a ser resolvido retornando às antigas tradições e, por outro lado, como uma crítica econômica quando justamente as massas, exercendo a democracia, se postam contrárias às medidas de livre mercado. A única liberdade aqui se torna a do consumo. A Nova Direita não só não tem a democracia com um valor a ser defendido como a encara, muitas vezes, como um obstáculo a ser superado.

4. A emergência da Nova Direita no Brasil

As chamadas *Jornadas de Junho*, em 2013, marcaram o início de uma instabilidade política não vista desde de as eleições de 1989, resultando num descrédito nas instituições políticas capaz de acabar com a já estabelecida polarização partidária PT x PSDB. Com o enfraquecimento desse bipartidarismo majoritário, o contexto se tornou propício para o surgimento de candidatos e partidos diversos tentando buscar seu espaço, sendo o campo da direita aquele que, com certeza, mais se fragmentou.

Novos atores foram surgindo e a bandeira contra a corrupção cobriu o país, sendo a esquerda e principalmente o PT os mais atacados. Entretanto, é no campo da direita que se destaca um fenômeno político que está cada vez mais ganhando contornos mais claros. A Nova Direita brasileira está sabendo aproveitar a onda de instabilidade que assola a política nacional e, à medida que esse campo cresce e se populariza, aumenta também a necessidade de compreendê-lo para saber como agir diante desses novos atores políticos.

Se no eixo EUA-Europa é possível, ainda que para fins de compreensão, entender a Nova Direita como um campo formado por neoliberais e neoconservadores, no Brasil a coisa assume feições por vezes menos claras. A nossa Nova Direita traz sim fortes características neoliberais e neoconservadores, mas agregadas à outras, referentes a um contexto particular, que faz necessário uma análise da situação brasileira de forma separada.

Os treze anos de governo do Partido dos Trabalhadores são vistos hoje, por seus opositores, como um período de intensas e sistemáticas práticas de corrupção, em discurso que teve grande adesão popular, o que fez do antipetismo uma bandeira adotada por todo o campo da direita. Mas eles vão além, associando o PT a toda esquerda. A aura pejorativa que detinha a direita se foi, em parte pela tentativa de transferi-la para a esquerda através das constantes acusações de corrupção, em parte pelo "*distanciamento temporal da ditadura militar*" (CHALOUN; PERLATTO; 2016; p. 27). Porém, as acusações a todo o campo da esquerda, não isentam

por inteiro o campo da direita. Os partidos tradicionais como PSDB e MDB estão cada vez mais desacreditados em campo nacional⁴, o que dá espaço para políticos e partidos novos ou que ganharam expressão a pouco tempo.

A Nova Direita soube interpretar o cenário posto após 2013 e agir de imediato. O partido Novo, regularizado em 2015, se posta como um claro ator Neoliberal. Flavio Rocha, empresário cujo nome circula com frequência como pré-candidato à presidência adota um discurso "liberal na econômica e conservador nos costumes". Jair Bolsonaro (PSL) é uma velha surpresa. Decidindo de candidatar à presidência esse ano, começou como um militar casca grossa, mas hoje, estando muito bem nas pesquisas eleitorais, busca flexibilizar o discurso com o intuito de atrair empresários industriais e do agronegócio. E a lista pode ir longe...

Alguns atores estão conseguindo crescer nesse cenário de indignações e incertezas. A forte oposição ao partido que governava há treze anos era esperada, mas o antipetismo ganhou força de um modo perigoso, trazendo consigo uma onda neoliberal que coloca as estatais como aparelhos de corrupção da esquerda e foca nas privatizações como a única forma de "salvar a economia" e outra onda, essa conservadora, que não se via desde o regime militar. Dessa última, "cidadão de bem", "família", "lei e ordem" surgem como expressões estratégicas, entoadas como incontestáveis, usadas sempre que necessário.

Além dos nomes comentados acima, João Dória Júnior é uma figura que merece destaque. Apesar de pertencer ao PSDB – um partido da direita tradicional –, é um ator que surgiu pela primeira vez ao concorrer à prefeitura de São Paulo em 2016, alcançando o feito de surgir como oposição e se eleger no primeiro turno. Ele pode ser colocado como um *outsider*, um político "que não é político". Vindo de fora da cena, Dória traz um discurso empresarial, que trata a máquina pública como um gestor e isso animou os eleitores paulistanos.

Na intenção de compreender o fenômeno Nova Direita busquei analisar dois importantes atores, João Dória Júnior e Jair Messias Bolsonaro. Acompanhei suas postagens no Facebook dia a dia, durante dois meses, no período de 01 de fevereiro a 31 de março de 2018, além de buscar por entrevistas completas mais antigas e também as atuais, no intuito de entender como se estruturam e se desenvolveram os respectivos discursos, além de observar também como se interagem com o público através da rede social.

Duas direitas: Bolsonaro e Doria

Jair M. Bolsonaro é um militar da reserva, capitão do Exército Brasileiro, que começou na política logo após a redemocratização. Elegeu-se vereador pelo Rio de Janeiro em 1989 e depois a Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro em 1991, cargo que ocupa até hoje. Apesar das ideias autoritárias e sempre relacionadas ao Regime Militar terem perdido força após 1985, Bolsonaro não só nunca as abandonou como sustentou sua imagem como um ferrenho defensor dos obscuros vinte e um anos do regime, se declarando favorável à tortura e, até mesmo, no início de sua carreira política, afirmando que caso chegasse ao governo daria outro golpe militar no país⁵. A ideia do golpe ele guardou pra si, porém o discurso autoritário nunca foi abandonado, apenas minimizado a partir de 2015-16 quando se lançou pré-candidato à Presidência da República e percebeu que suas falas eram agressivas de mais.

Apesar de seu discurso autoritário ser bem popular hoje, anos atrás não era capaz de atrair grandes públicos para além dos eternos saudosistas da época militar. Suas falas se baseavam num intenso antipetismo que relembra o período Guerra Fria, caracterizando o Partido dos Trabalhadores como comunista, Lula e Dilma como terroristas e os acusando de estarem organizando um movimento, junto de outros líderes de esquerda da América Latina, através do Foro de São Paulo, para implantarem a "ditadura do proletariado" no Brasil e, posteriormente, em todo o continente. Porém, em 2014 ocorreu uma mudança de patamar eleitoral⁶. Bolsonaro era Deputado Federal pelo Partido Progressista (PP) e estava no seu sexto mandato consecutivo,

⁴ A pesquisa de opinião feita pela Datafolha, divulgada no dia 10/06/2018 mostra Geraldo Alckmin, principal nome do PSDB, com um número máximo de 7% de intenções de votos e o atual presidente, Michel Temer do MDB, com rejeição de 92%. Esses números pouco variaram nas pesquisas dos últimos meses. <https://g1.globo.com/politica/noticia/lula-tem-30-bolsonaro-17-marina-10-aponta-pesquisa-datafolha-para-2018.ghtml>

⁵ Programa Câmara Aberta, ano de 1999. <https://www.youtube.com/watch?v=MkBJuABRey8> 26min45s

⁶ Número de votos de Jair Bolsonaro: 2014, 464.572; 2010, 120.646; 2006, 99.700; 2002, 88.945. Fontes: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-10-05/releito-deputado-pelo-rio-bolsonaro-quase-quadruplicou-votos-em-relacao-a-2010.html>, <https://noticias.uol.com.br/politica/politicos-brasil/2006/deputado-federal/21031955-jair-bolsonaro.jhtm>, https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/eleicoes/congresso_nacional-camara_dos_deputados.shtml

quando, nas eleições daquele ano, foi o deputado mais votado do Estado do Rio de Janeiro com quase meio milhão de votos. Esse feito é relevante para qualquer candidato, mas para Bolsonaro foi diferente, esses números representaram algo novo que estava acontecendo.

O primeiro lugar entre os deputados eleitos pelo Estado do Rio de Janeiro não foi para um personagem que veio construindo sua imagem ao longo de uma trajetória, mas para uma ideia que cresceu em pouco tempo de forma inesperada e hoje, segundo pesquisas de opinião, é o nome certo no segundo turno nas eleições para presidente a partir de 2019. "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" diz o seu slogan e resume bem o seu discurso; um nacionalismo pautado como principal proposta de governo resolver a crise brasileira a partir do problema da Segurança Pública, dando "*retaguarda jurídica*" para os militares agirem sem terem medo de responderem processos; Jair Bolsonaro entende que "*o homem só respeita o que teme*", por isso se faz necessário combater a violência no país de forma dura e objetiva. Esse nacionalismo militarista não para em sua proposta quase hobbesiana para a segurança, ele enxerga nos militares os únicos capazes de manter a dita Lei e a Ordem, afirmando que "*em 2019, quem assumir de boa-fé, vai ter que, para bem governar, ter ao seu lado as Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem*".

É nítida a mudança do discurso de Jair Bolsonaro entre o período 2013-14, anterior às eleições passadas, e de agora, às vésperas das próximas eleições. Não que ele tenha mudado de opinião sobre recheio o estado com Generais de Quatro Estrelas, mas se mostra bem mais calmo e com uma fala mais organizada, com temáticas diversas, além de até estar fazendo – e divulgando – viagens para o exterior com o intuito de "aprender com os melhores". Nas redes sociais o deputado divulga um pouco do que faz e demonstra sua opinião, mesmo que de forma simplória, sobre os principais acontecimentos políticos, além de constantemente divulgar vídeos mostrando a forma calorosa que seus eleitores o recebem no momento em que chega nas cidades por onde passa. Na rede social do Facebook, Jair é o pré-candidato à presidência com maior número de seguidores, com mais de 5,2 milhões (Lula, do PT, possui 3,3 milhões e Geral Alckmin, do PSDB, pouco mais de 900 mil seguidores), o que nos serve como exemplo da internet como a principal forma de divulgação das ideias de direita. Porém, para além do Facebook, são suas entrevistas que deixam seu discurso mais propício a análises.

Sobre minha pesquisa na internet, ao longo dos dias em que acompanhei as postagens do deputado, seu perfil no Facebook me pareceu como o principal local de encontro de seus eleitores - não seria exagero chamá-los de fãs. Suas postagens são simples, apenas uma ou duas linhas de exposições sobre algum tema ou um vídeo curto sobre uma análise de algum jornalista. O que se sobressai, com certeza, são os registros de suas viagens pelo Brasil, onde um número considerável sempre o recebe, independente de qual cidade ele chegue, chamando-o de "mito" ou com algumas palavras de apoio. Essas recepções deixam claro a popularidade do pré-candidato, mostrando que, para além das pesquisas de opinião, Jair Bolsonaro é o principal concorrente contra a esquerda ou contra outra direita.

Optei também por buscar algumas entrevistas mais longas. Como em seu perfil no Facebook suas opiniões são bem curtas, nas entrevistas é onde ele pode falar e esboçar sua visão sobre determinados assuntos. Como colocado anteriormente, é nítido o desenvolvimento de seu discurso e é nas entrevistas que fica claro essa progressão. Se antes o deputado se limitava em defender os militares, pedir a morte de bandidos e teorizar conspirações sobre PT, Foro de S. Paulo e Hamas, hoje ele já tem uma fala minimamente elaborada sobre privatizações, exploração dos recursos naturais e apoio a "*quem emprega nesse país*".

Bolsonaro é um candidato que tem um bom número de entrevistas gravadas e isso não serve apenas para entendermos sua linha de pensamento, mas também para ele próprio explicar suas fáticas declarações que seus seguidores acusam de estarem fora de contexto. Quando o deixam falar, sua boa articulação não consegue esconder a dificuldade em tratar sobre temas específicos - problema esse que o pré-candidato sempre resolve dizendo que montará uma equipe de especialistas em cada área para dar conta dessas questões -, além de demonstrar seu alinhamento às ideias neoliberais. Como ele mesmo afirmou "*a propriedade privada é sagrada*" e diz ser um absurdo a pena de expropriação da propriedade para os fazendeiros condenados por trabalho escravo. Dentro de sua proposta para o armamento da população está o argumento de que, armados,

⁷ Entrevista ao *youtuber* Nando Moura. <https://www.youtube.com/watch?v=WxU1VNtRv90&t=414s> 6min36s

os fazendeiros poderão se defender contra as "invasões" do MST e de grupos indígenas. Não enxergando o problema dos grandes latifúndios do Brasil, atrelado aos constantes massacres indígenas, Jair Bolsonaro crava sua aproximação ao agronegócio⁸. Continuando nessa linha, ele deixa claro sua abertura ao capital internacional para a exploração de minérios da Amazônia, propondo acabar com as reservas indígenas para "*explorar a riqueza do Brasil*" (seu macarthismo se destaca quando ele se coloca totalmente favorável a parcerias internacionais para a exploração dos recursos naturais no país, mas considera um absurdo que a China entre nessas concessões por considerá-lo um país comunista).

Quando questionado sobre suas ideias econômicas, sua simpatia ao livre mercado se destaca. Ele entende que a burocratização do estado é um empecilho aos investimentos privados, que a quantidade de leis que cercam os empregados é altamente prejudicial aos empresários e assim se faz necessário um severo corte nos direitos trabalhistas – algo alcançado com a Reforma Trabalhista de 2017.

Quando eu converso com o empresariado, eles falam o seguinte: "o trabalhador vai ter que decidir um dia: menos direitos e mais emprego ou todos os direitos e desemprego". Isso é o empregador que diz [...] é se colocar no lugar dele. (Sabatina feita pelo Correio Braziliense, dia 06/06/2018)⁹

Junto disso, Bolsonaro afirma a necessidade de diminuir o número de empresas estatais, concedendo parcerias privadas às administrações de empresas estratégicas como Petrobrás e Embraer. Entretanto, o candidato também fala da necessidade de cortes nas políticas sociais, sendo contrário a "*todos os tipos de cotas*" e medidas "*assistencialistas*" por causarem um "*inchaço*" no Estado. Esse tipo de raciocínio não é novidade, sendo denunciado por J. Habermas já a algumas décadas:

As burocracias estatais precisam de desoneração. Para isso serve a retransferência dos problemas que oneram os orçamentos públicos do Estado para o mercado. Uma vez, ao mesmo tempo, a atividade de investimento deve ser promovida, a redução do volume de tarefas precisa estender-se aos serviços sociais públicos, aos gastos consumptivos em geral. Nesse ponto, os estímulos pra uma política econômica orientada à oferta, que quer incentivar a atividade investidora por meio de facilitações fiscais, se ajustam comodamente ao ideário neoconservador. (HABERMAS; 2011; p. 68-69)

Habermas, ao fazer uma análise da transformação neoconservadora na Alemanha e nos EUA, evidencia as respectivas diferenças, sendo a principal delas a forma que ocorreu a conversão. Os alemães reformularam seu conservadorismo filosófico negociando uma separação entre sociedade e cultura, na qual, a aceitação da modernidade cultural pudesse ser negada. Já nos EUA, um grupo de liberais abandonaram suas bandeiras reformulando todo seu método de análise do mundo, partindo para uma forma de entendimento que buscasse a separação entre sociedade e cultura, mantendo o primeiro campo nas mãos do mercado e o segundo com as tradições. Jair Bolsonaro pode ser classificado como neoconservador, mas sua transformação não se encaixa em nenhuma das formas apresentadas por Habermas.

O deputado, Capitão da reserva do Exército Brasileiro, começou na política como um dissidente da Nova República e defensor do Regime Militar, sempre tecendo duras críticas ao regime democrático pós 1988, denunciando a falta de valores da sociedade atual e se mantendo sempre saudosista ao antigo regime (em seu voto a favor ao impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2015, foi simbólico a homenagem feita ao torturador, durante o período militar, Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra). Porém, foi por volta de 2015 que ele começou a mudar seu discurso. Ao perceber sua popularidade aumentar, em vista do descrédito político, Jair Bolsonaro não perdeu tempo ao se colocar como pré-candidato à presidência. Quanto mais próximo do período eleitoral, mais claro foi ficando a necessidade de se apoiar em outros setores da sociedade, além dos valorosos do militarismo. O deputado manteve sua postura rígida em relação à segurança pública e aos valores tradicionais, como deus e família, mas se mostrou totalmente flexível a aceitar as demandas das classes dominantes. Logo assumiu a causa empresarial, propondo privatizações e aceitando a diminuição das leis

⁸ Em fevereiro desse ano, o jornal *Folha de São Paulo* divulgou uma matéria mostrando a preocupação do PSDB com a aproximação entre Bolsonaro e o agronegócio. Segundo a matéria, o diretor da Sociedade Rural Brasileira e consultor de Geraldo Alckmin, Frederico D'Ávila, afirmava "*hoje o agro é 95% Bolsonaro*". <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/alianca-de-ruralistas-com-bolsonaro-preocupa-alcmin.shtml>

⁹ 3min57s https://www.youtube.com/watch?v=wm_p5l_6Ffl

trabalhistas, trazendo consigo também o agronegócio, criminalizando o MST, propondo armar o produtor agrícola, acabar com as reservas indígenas e aumentar o crédito rural.

Ele não abandonou sua bandeira para reformular suas ideias, como fizeram os norte-americanos, nem mesmo negociou, no campo filosófico, quais camadas da modernidade aceitaria, como os alemães. Bolsonaro foi bem simples: assumiu os valores da elite financeira, industrial e agrária como um todo. Privatizações, corte de direitos, proteção aos latifundiários, desburocratização da máquina pública. Sua briga no campo cultural não faz diferença ao mercado, por isso pode ser mantida sem problema algum. Assim, se aproveitando da crise de representação político-partidária que o país está vivendo, assumindo pra si as demandas do mercado e mantendo sua briga cultural, Jair Bolsonaro pode ser visto como um neoconservador brasileiro. Um militar conservador que assume as pautas do mercado.

João Doria Jr, o segundo ator a ser analisado nesse trabalho, tem uma trajetória que, para entender seu atual papel político, precisa ser melhor explicada. Antes de se candidatar a algum cargo público, Doria se consolidou no meio empresarial, tendo feito toda sua carreira no ramo de marketing e propaganda mantendo em paralelo uma longa carreira televisiva, apresentando diversos programas como *O Aprendiz*, na Rede Record e *Show Business*, na RedeTV. No ano de 1992, é criado o Grupo Doria, um "grupo de Comunicação e Marketing composto por empresas que atuam nas várias plataformas de conteúdo e relacionamento"¹⁰, dentre essas empresas estão uma editora, uma empresa de eventos, alguns programas de TV e o LIDE – Grupo de Líderes Empresariais. O LIDE é um grupo de grandes empresas que se reúnem em fóruns, jantares e *workshops* com intuito de estreitar relações com o poder público e fomentar a iniciativa privada. A trajetória do LIDE diz muito sobre a crescente estrondosa de João Doria - um apresentador de TV que se tornou um influente milionário - e sua suposta eficiência na prefeitura de São Paulo.

Quando me refiro a João Doria tenho usado o termo *outsider*, o tratando como alguém de fora da cena política, um personagem que não tenha o mesmo trajeto dos políticos tradicionais que veem cada vez mais sua rejeição crescer frente ao eleitorado. De fato, Doria se encaixa nesse estigma, porém ao analisar sua atuação em momentos anteriores veremos que ele é mais próximo da política tradicional do que possa parecer.

Ao criar o LIDE, em 2003, Doria construiu uma ponte entre o setor público e o privado, transitando sempre à vontade nos dois mundos. O grupo empresarial aceita apenas empresas com uma renda anual mínima de 100 milhões de dólares que pague uma anuidade de dez mil reais. Em 2017, pouco mais de 1700 empresas faziam parte do grupo¹¹, aglutinando cerca de 55% no PIB privado do Brasil¹². Esses números colocam o LIDE como uma das principais empresas do mercado, dando ao seu presidente o poder de "falar pelo mercado", como fez João Doria no programa Roda Viva em 2014.

Em um artigo publicado em 2015, André Singer tenta esclarecer alguns dos motivos que levaram a burguesia a montar uma frente única - uma coalizão entre os rentistas e os produtivistas (SINGER; 2015) - contra a ex-presidente Dilma Rousseff. Em 2011, Rousseff firma uma união com o setor produtivista – formado pela FIESP, CUT e outros importantes sindicatos do país -, acatando medidas proposta por eles no documento *Brasil do diálogo, da produção e do emprego* (SINGER; 2015; p. 58), porém aos poucos, parcelas desse setor foram se afastando da ex-presidente e se aliando com a oposição, o setor rentista. O ápice do racha foi, sem dúvida, a ação militante da FIESP a partir de junho de 2013 nas manifestações contra a então presidente.

No programa Roda Viva em julho de 2014 ainda como presidente do LIDE, João Doria afirma que o governo Dilma iniciou muito bem, mas a partir de 2013 o clima começou a piorar. Medidas que favoreciam o mercado interno, antes demandadas pelo setor produtivista (SINGER; 2015; p.58-9), foram criticadas por Doria. João cita também a falta de diálogo de Rousseff com o empresariado, fato que não ocorria no governo Lula - Singer comenta sobre a capacidade de negociação que o ex-presidente tinha para manter estável o clima com o setor rentista e com o setor produtivista. Essas falas de João Doria ilustram a primeira hipótese levanta por Singer sobre o deslocamento do bloco produtivista para junto do bloco rentista. "A *financeirização do capitalismo*

¹⁰ www.grupodoria.com.br

¹¹ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1920327-doria-da-espaco-na-prefeitura-de-sp-a-empresas-que-se-associam-ao-lide.shtml>

¹² <http://www.lidecampinas.com.br/quem-somos/>

teria levado à mistura entre capital da indústria e das finanças" (SINGER; 2015; p. 65) e isso pode ser melhor evidenciado quando Doria, no Roda Viva, afirma que a FIESP integra o LIDE.

No momento em que uma empresa cujo propósito é aglutinar - no ramo propagandístico - outras empresas e manter uma relação de proximidade com o meio político detém entre seus associados grandes nomes do setor financeiro e do setor industrial nacionais e internacionais, uma simples divisão entre coalizões rentistas e produtivistas se torna simplória de mais para interpretar a burguesia brasileira. João Doria representa essa complexidade. Ele, como empresário, não visa fortalecer a burguesia nacional industrial ou financeira. Com o LIDE ele busca fortalecer uma frente burguesa única composta pelos mais variados setores, nacionais e internacionais. Entender esse aspecto do João Doria Empresário é fundamental na hora de se propor uma análise do João Doria Político.

Estando com seu lado empresarial previamente esclarecido, o político João Doria Jr, do PSDB, se torna facilmente decifrável. Para interpretar seu discurso, adotei a mesma metodologia usada para Jair Bolsonaro. Acompanhei suas postagens em sua página oficial no Facebook dia a dia por dois meses – fevereiro e março -, além de entrevistas como no Roda Viva e a Sabatina feita pela Folha/UOL/SBT no qual ele foi como candidato a governador do Estado.

João Doria é filiado ao PSDB desde 2001, mas sem nunca se candidatar a nenhum cargo público até 2016, quando decidiu tentar a eleição para prefeitura da cidade de São Paulo, conseguindo o feito inédito de se eleger no primeiro turno com pouco mais de 53% dos votos válidos. O cenário político do momento, onde existe uma forte negação da política e descrença em todo o sistema partidário, foi bem usado por Doria que, mesmo sendo o candidato de um grande e tradicional partido, conseguiu ganhar as massas com o discurso de não ser político, mas estar na política. A isso se somava a carreira empresarial que lhe dava a alcunha de "gestor" e sua conta bancária, que por já possuir muito dinheiro supostamente não vai demandar novos roubos, podendo até mesmo se permitir abrir mão do salário de prefeito.

Esses jargões ganharam as massas e, quando eleito, correu para logo demonstrar serviço. Anunciou a medida *Cidade Linda*, que propunha revitalizar a cidade de S. Paulo e, já no primeiro dia, se vestiu como os funcionários da limpeza para varrer a praça 14 Bis, junto, é claro, de muitas câmeras em volta¹³. A princípio, parecia apenas mais um ato político para agradar a população ao se fazer passar por trabalhador, mas surpreende o quanto esse tipo de atuação se tornou corriqueiro no tempo em que ficou na prefeitura. Para João Doria, toda obra, reforma e inauguração se torna um evento; se vestia com o uniforme do respectivo trabalhador e fazia a função por alguns poucos minutos, o suficiente para gravar e postar no Facebook. Sua atividade empresarial sempre foi no ramo do Marketing e Propaganda, e isso ele mostrou que sabe muito bem como fazer ao levar também para a prefeitura ações que passavam a imagem de um prefeito que pega no pesado como os trabalhadores que ele acompanhava e que costumam ser marginalizados pela sociedade, como garis e construtores civis.

Para além de suas encenações, Doria se apresenta como um fervoroso defensor do setor privado, mantendo uma estreita relação com diversas empresas para executarem serviços que, para ele, não seriam prioridades da prefeitura. Programas para asfaltamento, cuidado para praças, enterrar cabos elétricos, eventos como a virada cultural e o carnaval e patrimônios da cidade como o complexo do Anhembi e o estádio do Pacaembu. Todos cedidos através de privatizações ou concessões para o setor privado, colocando em prática sua constante busca em diminuir as funções do estado, ou como ele próprio afirma, "*um Estado mais eficiente e um Estado menor, mais focado em saúde, educação, habitação, segurança pública e assistência social.*"¹⁴

Conhecendo seu lado empresarial, não é surpresa sua proximidade com o setor privado, porém, sendo ele o criador do maior grupo empresarial do país, é inevitável não imaginar a relação entre as empresas do LIDE e a influência de João Doria na prefeitura. Seu ano como prefeito de São Paulo foi marcado por constantes

¹³ <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/doria-de-veste-de-gari-em-seu-1-dia-de-trabalho-como-prefeito-de-sao-paulo.ghtml>

¹⁴ Sabatina UOL/Folha/SBT dia 11/06/2018, 25min45seg <https://www.youtube.com/watch?v=KJy6j6tPuXQ>

resoluções para problemas da cidade através de PPPs – Parceria Público Privada – e um grande número de doações como veículos e equipamentos para a Guarda Municipal, a restauração de praças, o projeto Marginal Verde, que visa arborizar a Marginal Pinheiros, e até mesmo o carnaval. Todos sem custos para a prefeitura de São Paulo. O Jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma matéria em setembro de 2017 mostrando a relação de empresas parceiras da prefeitura e filiadas ao LIDE. Segundo a matéria, diversas empresas como a *Caixa Econômica Federal*, *Starbucks*, *Burguer King*, *Estre Ambiental* e *Votorantim* firmaram alguma parceria com a prefeitura e se filiaram ao LIDE. João Doria nega essa relação.

Ao trabalhar em cima do discurso de João Doria surge a complicação de buscar entender suas ideias e avaliar sua breve passagem como prefeito de São Paulo. Minha ideia nunca foi fazer o último, porém é inevitável não tratar de alguns detalhes de seu mandato como também de sua vida empresarial. Seu discurso carrega a fala de um empresário experiente, um candidato antes à prefeitura e agora ao governo estadual e de um ex-prefeito, são as faces de João Doria impossíveis de se dissociarem. Não me proponho a fazer um juízo de valor sobre seu tempo de mandato, mas a buscar esclarecer como essas faces se relacionam e como esse ator aparece no fenômeno que chamo de Nova Direita.

A figura do empresário que busca crescer na política vem aumentando à medida que cresce a rejeição das massas à política tradicional. Nomes como João Amoedo e Flavio Rocha são exemplos de figuras que tentam ganhar espaço no cenário político. João Dória conseguiu o feito buscado por eles: apareceu para o eleitorado de repente e obteve um crescimento estrondoso em um curto espaço de tempo. Doria soube aproveitar estrategicamente sua influência obtida através do LIDE com o momento de crise que a política brasileira vem passando. O Empresário em nenhum momento se separou do Político, mesmo quando insistia em dizer que não o era.

5 Conclusão

Não há dúvidas que existe um novo movimento em curso dentro do espectro político da direita possuindo características específicas de acordo com suas respectivas realidades nacionais. Os Neoconservadores e os Neoliberais são expressões desse movimento, que se reinventa e se adapta sempre que necessário para sobreviver mantendo a pauta que melhor lhe convém para manter viva a busca por aquilo em que se acredita ou se deseja. Porém, esses dois espectros da direita não são suficientes para esgotar a interpretação sobre esse campo político e isso foi melhor ilustrado quando Jair Bolsonaro e João Doria foram melhores compreendidos. O primeiro não é um simples neoconservador, seja à americana ou à alemã, possui fortes traços cristãos, recorrentes em algumas correntes políticas brasileiras, um militarismo exacerbado, mas ao mesmo tempo, um apreço pelo capital internacional aprendido através da necessidade de se preparar para a disputa de uma eleição presidencial. O segundo, um empresário, autointitulado liberal, de nome e respeito entre os seus, pouco se mostra a luz do neoliberalismo austro-americano, tornando necessário uma busca mais funda sobre as características da burguesia nacional para além de uma simples interpretação do (neo)liberalismo contemporâneo, que infelizmente não pode ser feita para esse trabalho.

Entretanto, apesar das diferenças no interior da Nova Direita, algumas semelhanças são claras e me parecem convergir cada vez mais. O apreço pelo setor privado, as constantes acusações sobre o excesso de políticas públicas e direitos sociais garantidos por lei, e as condenações de manifestações populares - que deveriam ser a base de um sistema democrático - são cruzamentos em que as diferenças se conversam, um perigo que cresce ao passo que os horrores dos regimes autoritários se distanciam e políticas e leis que visam maior igualdade são cada vez mais condenadas em prol de uma austeridade que insiste em marginalizar aqueles já constantemente negligenciados.

Nesse cenário, a compreensão das direitas e suas mudanças se mostra cada vez mais urgente. Ignorar seus intelectuais partindo de um discurso de superioridade em nada ajuda: nos EUA e na Europa, a força da

Nova Direita já é um fato consolidado e no Brasil seus atores batem à porta. Portanto, ou a deciframos para existir um contrapeso para a resistência à ataques a direitos conquistados ao longo dos anos se fazer eficiente ou sua hegemonia se tornará irreversível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLSONARO, Jair Messias. **Perfil Facebook**. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/jairmessias.bolsonaro/posts/?ref=page_internal> Acesso em: 01 fev. 2018 a 31 mar. 2018

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A NOVA DIREITA BRASILEIRA: IDEIAS, RETORICA E PRATICA POLÍTICA.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DORIA, João. **Perfil Facebook**. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/jdoriajr/posts/?ref=page_internal> Acesso em: 01 fev. 2018 a 31 mar. 2018

HABERMAS, Jürgen. **A Nova Obscuridade: Pequenos escritos políticos V**. 1 ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2011. p. 11-31, 63-98.

HAYEK, Friedrich. **Direito, Legislação e Liberdade**. 1 ed. São Paulo: Editora Visão Ltda., 1973. p. 1-80

HAYEK, Friedrich. **O Caminho da Servidão**. 6 ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. p. 9-63

KARL, Polanyi. **A Grande Transformação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 2000

KAYSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.) **DIREITA, VOLVER! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 49-74

MISES, Ludwig von. **Ação Humana: Um Tratado de Economia**. 3.1 ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. p. 360-361

NANDO Moura. **Bolsonaro x Nando Moura - ENTREVISTA**. 2018. (50min28s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=epR3ZdHv3H4>>

NANDO Moura. **Conversa: Nando Moura e Bolsonaro – Parte 1**. 2016. (38min57s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OQWRWVGv5hY>>

NANDO Moura. **Conversa: Nando Moura e Bolsonaro – Parte 2**. 2016. (51min06s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WxU1VNtRv90>>

RANCIERE. **O Ódio a Democracia**. p. 7-46

RODA Viva. **João Doria Jr. - 28/07/2014**. 2014. (1h21min41s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BDjb5iydfQ4>>

RODA Viva. **Roda Viva | João Doria | 07/11/2016**. 2016. (1h21min07s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KDEhT7aUurE>>

RODA Viva. **Roda Viva | João Doria | 10/04/2017**. 2017. (1h31min47s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAVlp_r73Xk>

SINGER, André. **CUTUCANDO ONÇAS COM VARAS CURTAS**. 2015

UOL. **SABATINA COM JOÃO DORIA - UOL/FOLHA/SBT**. 2018. (1h01min03s) Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=KJy6jtPuXQ>>